

# MULHERES DA LINHA E AS SUBJETIVIDADES DA PESQUISA NA REGIÃO DA ESTRADA DE FERRO (GO)

## Ralyanara Moreira Freire

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas (PPGAS/Unicamp); Mestra em Ciências Sociais e Humanidades pelo Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais do Cerrado da Universidade Estadual de Goiás (Teccer/UEG). Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Comunicação e Diferença (Pindoba) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

[ralyanara@gmail.com](mailto:ralyanara@gmail.com)



Mulheres, Pesquisa  
de campo,  
Subjetividades;  
Grafias, Linhas

**Resumo:** Pelo estado de Goiás, grupos de mulheres vêm transformando linhas em complexas tramas do cotidiano. Falo, especialmente, de fiandeiras que manuseiam o algodão à beira da estrada de ferro, no interior do estado. Foi neste contexto que, durante a realização de minha pesquisa de mestrado, me vi envolvida pelas trocas cotidianas ocorridas e por todo o emaranhado que me foi apresentado pela interlocução daquelas mulheres. Deste ponto, proponho esboçar uma narrativa afetiva e “afetada” dos sentidos da linha – sempre em construção, e como eles foram “criados” na sistematização dos dados da pesquisa. Para isto, trago uma reflexão sobre a “escrita” nas pesquisas em ciências sociais e humanidades em geral; fazendo da “metáfora” e da “alegoria” aliadas ao processo de “tradução”; esses dois conjuntos foram tensionados pela analogia à dupla linha: ferro e algodão. Me interessa, enquanto jovem pesquisadora, levar a sério a compreensão de que metáfora e alegoria são formas possíveis para o fazer-pensar nas ciências sociais e nas humanidades.

## LINE WOMEN AND THE SUBJECTIVES OF RESEARCH IN THE REGION OF THE IRON ROAD (GO)

Women. Field  
research.  
Subjectivities.  
Writing. Spinning  
lines.

**Abstract:** By the state of Goiás, groups of women have been transforming lines into complex plots of daily life. I am talking especially of spinners who handle the cotton on the edge of the railroad, in the interior of the state. It was in this context that, during the course of my masters research, I was involved in the daily exchanges and all the entanglement presented to me by the interlocution of those women. From this point, I propose to outline an affective and "affected" narrative of the line's senses - always under construction, and how they were "created" in the systematization of research data. For this, I bring a reflection on the "writing" in the researches in social sciences and humanities in general; making "metaphor" and "allegory" allied to the process of "translation"; these two sets were stressed by the analogy to the double line: iron and cotton. It interests me, as a young researcher, to take seriously the understanding of metaphor and allegory as possible ways to do-think in the social sciences and in the humanities.



Envio: 03/09/2018 ◆ Aceite: 25/09/2018



Eu num sei de onde vem à linha,  
mas tô pra dizer que ela sempre existiu.

Manoela Pereira

No princípio era verbo<sup>1</sup>! Em sua forma de movimento e, por excelência em ação. O verbo<sup>2</sup> no infinitivo, ainda a ser conjugado é o que me instiga a prosear com quem tem um jeito próprio de falar, e com quem se contenta em prosear<sup>3</sup>. No caminho para esta prosa percebemos a chuva de maio que regou, pela última vez, o Algodoeiro que florescerá entre junho e julho. Passada a chuva, sobre o mesmo chão seco onde cai o algodão, também caem as plumas da Barriguda que alguns meses depois darão lugar as cores da próxima estação. Em uma área de Cerrado e a espreita deste movimento aguarda a fiandeira pelo instante exato de

---

<sup>1</sup> Esse texto está inspirado e embasado em parte de minha dissertação de mestrado intitulada “Tramas ao avesso: memórias e identidades fiandeiras na região da estrada de ferro – Goiás”. Para escrita do trabalho realizei pesquisa de campo entre 2013 e 2015 entre mulheres que fiam, tecem e bordam o algodão nesta região.

<sup>2</sup> O verbo é entendido aqui como uma palavra com a qual se afirma a existência de uma ação. O verbo também pode ser uma expressão ou parte principal de alguma coisa.

<sup>3</sup> Compreendo como prosa as noções empregadas por Rubem Alves, Proseando.

protagonizar a transformação do algodão em linha. É chegada a hora<sup>4</sup> de fiar, tingir e tecer. Enquanto isso, ela pinta, borda, costura, trança, cozinha e prosea. Ardilosa, percebe no ambiente que a circunda nuances para a condução de sua vida.

No caminhar pela região da estrada de ferro<sup>5</sup> uma prosa se inicia com a pergunta: “você conhece alguma fiandeira aqui na cidade?”. As respostas, ora trazidas pela expressão de espanto – fiadeiras aqui, têm não –; ora pela surpresa – humm, agora que cê tá perguntando tô me lembrando da dona Marinhinha lá de cima, ela fiava muito, todo dia, mas já morreu, morreu faz é tempo –; ora pela melancolia – minha mãe era fiandeira, fiava dia e noite, mas agora ela não tá mais com a gente né –; e às vezes com felicidade – fiandeira (?), ué eu fio, não fio muito, igual antigamente, mas fio.

Percebendo um real que se dispõe no meio da travessia<sup>6</sup>, as perguntas e respostas encontradas em campo aos poucos foram ganhando outros e outros movimentos. Na praça central de Silvânia, quando iniciava ali a pesquisa de campo, senti o cheiro de pastel frito vindo de perto. Fiz meu pedido e fui me informando sobre o funcionamento da cidade. Fiandeira por ali ninguém ouvira falar. Na certa não tinha mais nenhuma. “Só se fosse aquela que mora lá na saída da cidade, antes de chegar na estação”, disse o dono da banca. “Não, aquela bateu as bota faz é tempo”, interferiu o cliente que esperava por seu caldo de cana. Com um biscoito de queijo que me encheu a boca d’água, vagorosamente se juntou a nós uma mulher que disse: “oia, tenho pra mim que ela ainda mora lá, porque outro dia minha colega que pinta pano de prato tava falanno alguma coisa dela”.

Ela me explicou como chegar à casa de sua colega, mas eu estava focada no biscoito que entre uma frase e outra a mulher levava à boca. Sem entender quase nada do que ela disse sabia apenas o nome de sua colega e mais ou menos o rumo que deveria seguir. Sabia também que a casa tinha um portão na cor de “algodão pardo”, e que ficava “antes de

---

<sup>4</sup> É durante o período da seca que as mulheres mais trabalham com as atividades relacionadas ao fiar. A baixa umidade do ar facilita a lida com o algodão. Neste período a fibra tende a se soltar com mais facilidade do caroço/semente, e os fios ficam mais firmes, uniformes e resistentes.

<sup>5</sup> Considerando a extensão da estrada e grande número de mulheres na região, me limitei a trabalhar com cidades goianas que compõem a linha Araguari/Roncador: Ananguera, Cumari, Goiandira, Ipameri, Urutaí; Ouidor/Goiandira: Ouidor; e Pires do Rio/Leopoldo de Bulhões: Pires do Rio, Orizona, Vianópolis e Silvânia. Esta delimitação tem como objetivo uma maior estada nas cidades e contato com as mulheres, além de afunilamento da pesquisa em locais interioranos que não costumam ser abordados em pesquisas acadêmicas. Falo, especificamente, de Catalão, Anápolis, Senador Canedo e Leopoldo de Bulhões que são esporadicamente lembradas pela atuação de fiadeiras.

<sup>6</sup> Guimarães Rosa. Grande Sertão: Veredas, 2001.

atravessar a linha. Mais para o lado de baixo”. Lá fui. Bati em todos os portões marrons que vi. Não eram muitos, talvez uns cinco ou seis. Fiz praticamente a mesma pergunta a todas as pessoas que me atendiam:

- Oi, aqui mora uma senhora que faz bico de crochê em pano de prato.
- Qual é sua graça?
- Raly.
- Raly...



Repetiu ela demoradamente ao me olhar profundamente na face.

Menina tu és bunita  
Mais bunito é seu cabelo  
Cada cacho vale um conto  
Um conto é muito dinheiro<sup>7</sup>

Agradei a gentileza dos versos com um sorriso e foi sorrindo ainda que perguntei: “e sua graça, qual é?”. A partir daí eu apenas segui os passos de Zélia. Não por acaso, foi de tanto andar que paramos na casa de Manoela<sup>8</sup>, aquela que na banca de pastel me disseram já ter “batido as botas”. A mulher, com mais de cem anos, não ficou surpresa por uma estranha querer conhecê-la, mas algo chamou sua atenção: “muitas pessoas vêm aqui. Falam até mesmo. E eu num entendo nada. As veis nem dou atenção porque fico muito cansada do falatório. Mais num sô besta. Eu sei é que ninguém dá ‘ponto sem nó’. Eles vêm ‘tramano’ alguma coisa”.

<sup>7</sup> Estes e os demais versos que seguem neste texto foram compostos por Zélia Pereira dos Santos, Silvânia, durante a realização do trabalho de campo.

<sup>8</sup> Manoela Pereira da Silva – Silvânia. Trata-se de uma fiandeira com mais de 100 anos de idade, 107 na época da realização da pesquisa, bastante conhecida na cidade. Por causa de sua idade avançada, a população local que não tem contato direto com ela duvida de sua sobrevivência, e até criam histórias sobre sua vida/morte.

Manoela, por causa da fragilidade física provocada pelo correr da idade, jamais saia de casa. Apesar disso, era conhecida e querida por muitos sendo que visitas, homenagens e certificados de reconhecimento por seus trabalhos com o fiar e o tecer não faltavam. “Minha ‘pele é de algodão’, se puxá de qualqué jeito ela arrebenta toda. Num é igual essa linha aí fora. Pode o trem passá toda vida que ela num arrebenta. Por isso eu fico aqui. Quem quisé me vê, vem”. Zélia costumava ir comigo à casa de Manoela. Geralmente ela levava agulha e linha e tecia seu crochê na medida em que conversávamos. Manoela fazia o mesmo, alias isso é basicamente o que ela faz: passa dias e dias sentada na poltrona, que há anos está coberta por um tecido feito por ela mesma.

Quando se sente bem, ela vai até o fundo e continua seu trabalho. Vagarosamente entra no quartinho que deixa passar apenas um fio de luz pela porta, que fica entreaberta. Já no quartinho ela desvia das caixas cheias de linhas, lançadeiras<sup>9</sup>, e uma urdideira<sup>10</sup> de parede que lhe dificulta a passagem. Chegando ao tear, já sentada, retoma o trabalho. As mãos ágeis atiram a lançadeira de um lado para o outro, alternando os movimentos ela ajeita o pente-  
liço<sup>11</sup>. Na verdade, as mãos acompanham os movimentos dos pés que se dividem entre os seis pedais. São eles que determinam o ritmo de todo o trabalho. À medida que os pedais andam e as mãos se mechem, a imagem vai surgindo junto com o tecido. “Esse aqui é o repasso da estrada de ferro. Ele me leva pra longe... Aqui eu me ‘lanço c’a linha’ e vô viajano na estrada”. Manoela sempre quis estar livre. Gostava do movimento. Ficar sentada atrás da roca<sup>12</sup> e do tear era um grande castigo.

De fato, quando menina, com seus 09 ou 10 anos, ela foi punida por seu pai. O homem achava seu gosto, de correr pelo pasto até se cansar, estranho demais. Ficar ali parada não tinha graça para ela, mas, obrigada a lidar com o algodão, logo aprendeu a se virar e diz que hoje tomou gosto pela coisa. Manoela encontrou nas linhas a liberdade que tanto corria para alcançar. Em seus dizeres, os tecidos que fazia lhe transportava para outros e outros lugares. “Por isso, eu sempre gostei mais de tecer a Estrada de Ferro. C’um esse

---

<sup>9</sup> Também chamadas de canoinhas, são peças de madeira onde o fio é preso. Funcionam como agulhas, usadas para passar a linha pela trama do urdume.

<sup>10</sup> Peça de madeira utilizada para dispor osos na direção longitudinal (comprimento) do tecido.

<sup>11</sup> Peça básica no tear pente-liço, que permite levantar e abaixar alternadamente os fios urdidos para possibilitar a abertura da cala e posterior passagem da trama.

<sup>12</sup> Instrumento de madeira usado para transformar algodão em linha, também chamado de roda de fiar.

repasso eu sentia como se tivesse indo p'ra longe dali. Entrava naquele vagão de trem e ia me'mbora. A linha ia passano pela urdidura igual o trem passa pelas estação”.

Dessa forma, ela atribuía novos sentidos à atividade, no lugar de ficar parada Manoela se lançava com a linha e viajava na estrada. “Eu vejo a vida pelas linhas [...]. Vô junto em cada linha. Ele quiria me vê quieta. Mais eu vô teceno as histórias aqui no tear e vou vivendo. Ocê n'um sabe ainda, mas eu já viajei muito nessa linha de ferro. Só que nessa aqui de algodão... Agora o povo vem aqui p'ra falá pra mim pará de mexer c'um linha. E eu num paro, num paro. Vô vê a vida aonde se eu pará?!”

Manoela vai me apresentando, pelo que lhe afeta, os sentidos que ela atribui à linha. Suas falas são difíceis de serem captadas, porque os sentidos são cominados pelas alegorias e também pelas metáforas. O que ela me dizia estava sempre além do que era propriamente dito. Eu deveria ter um roteiro de perguntas? Questioná-la a respeito do sentido das coisas que tanto me dizia? Ainda hoje eu não sei, mas no decorrer do tempo que estivemos juntas fui sendo tomada, de forma sensitiva, pelo que ela me dizia e algo como o anthropological blues (DaMatta, 1972) a cada dia se tornava mais forte.

As trocas estabelecidas me fazia pensar a respeito de minha própria trajetória até ali, e ela me questionava muito sobre isso. Desejava saber quem eu era, como chegava até sua casa. “Eu quiria sabê o que ocê tanto trama”, disse uma vez baixinho, mas suficientemente alto para que eu pudesse ouvir. Eu explicava novamente e nunca a satisfazia.

– Por que ocê passa tanto tempo aqui?

– Eu venho conversá c'a senhora pra saber mais sobre as linha, sobre os tecidos e o que mais quiser me fala.

– Mais se eu te falá tudo ocê para de vim aqui?

Perguntou-me com certa desconfiança.

– Eu não sei. Acho que não porque acho que a senhora tem muiiita história pra me contá. Respondi sorrindo.

– Eu já te contei tudo q'eu



sabia das linha. Já te mostrei meus repasso. Cê viu meu tear...

Com essa resposta ela me fez ter certeza de que eu a incomodava bastante e, em certa medida o incomodo parecia extrapolar o cansaço de me receber. Pensei por alguns segundos, cinco ou dez, e disse:

– Então a senhora quer q’eu pare de vir aqui?

– Não! Eu tô sempre esperando ocê vir. Porque todo dia ocê vem.

– Eu venho sempre aqui pra vê um pouco da vida c’a senhora. Eu acho que tem muita vida



nessas linha.

Nesse momento a mão que arrastava a agulha de crochê de um lado para o outro parou e o novelo de linha de algodão pardo, fiado por Zélia, também parou. Tudo estava quieto. Manoela, como nunca antes havia feito em minha presença, levantou a cabeça e me olhou por alguns instantes. Ainda não sei o que ela pensou, mas desse em diante ela não me perguntou mais o que tanto fazia em sua casa e o que eu queria saber.

Zélia, como dito, nem sempre estava comigo. Ela se dedicava muito à feitura do crochê, ao fiar com fuso, e também ao forró que toda quinta-feira ia dançar. Então eu dividia o tempo

entre as duas, e outras mulheres que elas me apresentavam direta, ou indiretamente. Ali em sua casa, naquela de portão cor de algodão pardo, ela me mostrava seus trabalhos: panos de prato, bordados, crochês, toalhas, tecidos... Porém, o que ela realmente gostava de exibir eram seus versos.

Que 'trem' é esse dona Zélia  
Que ocê traz em suas mãos  
É só o fuso minha amiga  
Prá fazer linha de algodão

Quando muito conversávamos, ela se lembrava de alguns versos que cantava em mutirões, e ainda hoje canta nos momentos que se junta a outras mulheres fiandeiras. Nessas ocasiões ela mostrava largos sorrisos e altas gargalhadas. O bom humor era por causa das alegorias que ela criava, maior parte das vezes, com a palavra 'trem', 'ferro' e objetos usados para fiar ou tecer. Dependendo do contexto ela pode fazer substituições, me explicava. "Se a gente tá na roça eu falo 'pau'. Assim ó: que pau é esse dona Zélia que ocê traz em suas mãos. Mas 'trem' é muito mais divertido né, porque a gente sabe que o 'trem corre por cima da linha'", concluiu sorrindo querendo me dizer que o trem se refere ao órgão sexual masculino e a linha seria ela mesma.

Em Vianópolis, na estação ferroviária de Caraíba, me encontrava todas as quintas-feiras com um grupo de mulheres que iam fiar, bordar, fazer crochê e, sem dúvida nenhuma, conversar. Como conversavam entre si e, bastaram dois encontros para que conversássemos entre nós. Elas também me exigiam muitas respostas. Eu passava mais tempo falando da minha vida que conhecendo a vida delas. Mas logo, as minhas histórias eram nossas histórias e o inverso também. Compartilhávamos a expectativa da chegada de um bebê, a queda de energia nos bairros, o plantio da lavoura de algodão, a doença que acometeu alguma delas, a chuva que me molhou na estrada, os prazos para entregar os trabalhos do mestrado e também sobre nossas sexualidades.

Sim, elas queriam saber com quem eu transava, como transava e com qual frequência. Por outro lado, eu queria saber como era fiar algodão à beira da estrada de ferro, pois aquele cenário me fazia pensar sempre no que Manoela me dizia. Elas também se interessavam pelas histórias de Manoela, já tinham ouvido falar daquela senhoria que, com mais de cem anos, ainda tece. A cena das mulheres atravessando a linha de ferro com a roca nas costas, às vezes uma sacola de linha caia nos trilhos, ou alguém precisava parar para descansar os braços, me transportava de volta à Silvânia. Elas chegavam sorrindo estação, ajeitavam tudo e começavam.

Ana<sup>13</sup>, a mais desbocada delas, como diziam, não poupava brincadeiras quando estava com o grupo. Diversas vezes socializava suas piadas, que envolvem a passagem do trem pela cidade e a prática do fiar. Com sua concentração dividida entre o



na

movimento da roca e os assuntos que surgiam ela diz: “uma vez eu tava na estação esperando o trem... Aí precisei ir no banheiro. Quando é fé eu comecei sentir um ‘tremorzim’ na privada, tava bão sô... Quando me dei conta gritei bem alto: o ‘trem partiu’”. Assim dávamos boas risadas até que alguém emendava um assunto em outro, detalhes de suas vidas eram narrados e a tensão ia embora com mais relatos. “Outro dia eu tava dormindo mais meu véi, aí ouvi um barulho, senti um tremilique e gritei: ai que ‘trem grande’! Aí acordei, olhei p’ro lado e não tinha nada, só ele mesmo na cama. Oh tristeza que foi”, disse

---

<sup>13</sup> Ana de Oliveira – Caraíba, distrito de Vianópolis.

sorrindo Ana.

Ela refere-se, no primeiro caso, ao tempo em excesso que ficou no banheiro esperando por conta de uma possível excitação provocada pela chegada da locomotiva, e no segundo, aos sonhos eróticos satirizados pela presença do trem de ferro pela região. Como quem busca a ponta do fio para desfazer a meada, busquei no movimento das mulheres alguns enunciativos do fiar. E movimento havia por toda parte. O pé, batendo no pedal, fazia a roda rodar. Girando, o fuso puxava a linha que parecia sair dos dedos das mulheres. Como extensão de seus corpos, roda, linha e mulheres confundiam meu olhar, às vezes elas me pareciam ser uma só até que, certo dia Ana diz “meu filho chegou de Catalão ontem, ele trouxe as linhas”. Eram novelos e meadas de linha das mais variadas cores, espessuras e comprimentos. Com elas as mulheres vão fazer bico de crochê em toalhas, bordar ponto cruz e vagonite, e tecer cobertas.



Quando idealizei este artigo, buscava destacar a natureza poética da escrita e os processos tradicionais, quer seja ancestral ou até cosmológico, de lidar com a linha. Buscava demonstrar tais pontos pelo próprio exercício de escrever. Para tanto, precisaria discorrer sobre minha própria pesquisa de campo, a escrita, as alegorias e os sentidos da linha de ferro e da linha de algodão. Infelizmente não consegui estabelecer um distanciamento daquilo que vivi entre as mulheres e com as mulheres protagonistas da pesquisa, talvez porque a “experiência evoca uma presença participativa, um contato sensível com o mundo a ser compreendido, uma relação de afinidade emocional com “seu povo”, uma concretude de percepção” (Clifford, 1998, p. 38, grifos meus).

Como me desvencilhar de algo que passou a me constituir para então escrever? Se o texto é uma forma de registrar algo enunciado ou vivido num passado, os afetos, os sentidos e as experiências sensitivas continuam vivas no momento da escrita. No lugar de escondê-las, ignorá-las ou deixá-las de lado no fazer-pensar ciência, considero que a intrusão da subjetividade, e a carga afetiva que ela acompanha podem ser “um dado sistemático da situação” (DaMatta, 1972, p. 7). Escrevendo agora esse artigo, vejo que o processo de elaboração das “alegorias”, feitas pelo campo e as metáforas que utilizei transformaram trilhos de ferro e linhas de algodão em objetos vivos, como uma criação expressiva que tem continuidade com a vida social (Ingold, 2012). Meu trabalho agora é tornar o texto igualmente vivo e inacabado como aquilo que eu experienciava, e como os sentidos da dupla linha que me parecem estar em constante construção.

Para, além disso, atualmente direciono meus esforços para pensar em formas de pesquisa que se fortaleçam na “antropografia”, algo que se valeria do movimento de seguir os materiais, copiar os gestos e desenhar as linhas Ingold (2012, 262). Na primeira – surgir os materiais, está inscrita a ideia de se atentar aos materiais e não as materialidades das coisas, ou melhor, valorizar os fluxos e movimentos e não os objetos em si. O segundo – copiar os

gestos, significa “alinhar a observação o desempenho do mestre com ações em um mundo que está ele próprio suspenso no movimento. E esse alinhamento exige uma boa medida de improvisação criativa”. Por último – desenhar as linhas, considero que é preciso voltar à ideia de escrita como reunião, reconectando observação e descrição a um processo de delineamento. Percebo, entre as fiandeiras, um locus privilegiado para pensar estas ideias, reconectando imagem e escrita e quem sabe alcançar a “antropografia”<sup>14</sup>. Mais que uma fonte de inspiração, eu as compreendo como mestras que fazem a perfeita junção entre fluxos de materiais, movimentos gestuais e desenho de linhas. Enquanto busco incorporar estes três pontos no meu próprio fazer-pensar, elas me mostram perfeitamente que metáforas e alegorias podem ser inscritas, ou são elas próprias grafias (Kofes, 2015).

Mas, de fato não foi exatamente com esta busca que adentrei ao universo das fiandeiras que compõem a região férrea de Goiás, na verdade nem me lembro de quais eram meus objetivos iniciais de pesquisa, o que eu imaginava ou desejava ver. Sobretudo, as tramas do cotidiano foram me envolvendo de tal forma que pensar as “alegorias” e construir metáforas era, para além de uma possibilidade de escrita, minha única alternativa. Primeiro porque era isto que o campo me apresentava, segundo porque era o que eu conseguia ver. Além disso, me deparei com elementos não esperados “como um blue, cuja melodia ganha força pela repetição de suas frases” (DaMatta, 1972, p. 6). De forma equivalente, a tristeza e a saudade também se insinuavam para mim, despertando minhas subjetividades e tornando a emoção uma companheira não convidada.

Com as “alegorias”, que me eram apresentadas no “meio da travessia”, à guisa de Guimarães Rosa, alguns sentidos do fiar se desnudavam de modo que as ideias que trago neste material ainda estão impregnadas de sentidos

<sup>14</sup> Por isso, imagens estão postas nas páginas deste artigo. A ideia é que elas extrapolem certa noção de complementação, relação, ou ilustração do texto. Sobretudo, considero imagens e palavras como grafias que devem ser lidas em seu conjunto, sendo este material apresentando um exercício inicial.



que vi e vivi durante a realização de minha pesquisa de mestrado (Freire, 2015). Desde que defendi a dissertação, essa é a segunda vez que volto àquela escrita com a intenção de pensar, ou repensar o que está ali. Tenho por sobre a mesa, forrada com tecido branco feito de crochê, meu diário de campo. Ao abri-lo sou surpreendida por um punhado de algodão que voa pelo pequeno cômodo da sala. Fecho a janela a fim de manter o controle daquele punhado de algodão, do meu próprio diário de campo, e dos meus sentidos. Não alcanço o controle e, por coincidência, ou não, meu aparelho celular apita. Era uma das interlocutoras da pesquisa, que está bastante animada com a reinauguração da Feirinha da Estação de Caraíba e com a organização de um mutirão de fiandeiras que deve acontecer ainda neste ano.

Durante a elaboração da dissertação tomei alguns cuidados como a escrita na primeira pessoa do plural, admitindo que o texto é coletivo – em um certo momento no campo este acordo foi estabelecido, pois se eu estava com elas fiando, elas queriam estar comigo escrevendo. Trouxe ainda alguns desenhos, bordados e tecidos com os quais fui mimada<sup>15</sup> – que compuseram a versão impressa, além de algumas fotografias, e o bordado na capa final. Estes elementos também foram pensados como “alegorias”, passando a informar sobre o campo. Mas, meu objetivo também era trabalhar a escrita – trazendo as “alegorias” e as integrando ao papel, da mesma maneira que elas estão integradas à vida cotidiana. Acredito neste exercício porque as “alegorias” informam por si só, diminuindo a incidência de interpretações sobre os sentidos daquilo que o campo diz. Em outras palavras, os quadros de “alegorias” me ajudaram e ainda ajudam a perceber o trânsito social por diversas realidades em contato. Isto me reaproxima das múltiplas respostas do campo, nas quais as fiandeiras se apresentam por outras vias que podem não estar imediatamente relacionadas com o fiar – em um olhar apressado.

O fato de Manoela perceber a linha nos movimentos que realiza, como se a vida estivesse na linha, e a linha estivesse na vida, me leva a pensar que os sentidos das linhas estão presentes nas próprias experiências vividas, e não somente no lidar com elas. Desta

---

<sup>15</sup> Na época gostaria de ter trabalho melhor os presentes que recebi. Mas, os prazos me apertavam demasiadamente, além disso, eu os considerava algo extremamente pessoal que era dado a mim e não a dissertação. Neste dilema, fiquei em cima do muro e coloquei alguns deles nos apêndices. Ainda hoje, não me sinto satisfeita com o encaminhamento metodológico que fiz.

forma, noto que as alegorias provocam a inseparabilidade da vida e das linhas. Mirandola (1993, p. 177) explica que “urdir é uma das últimas operações que procedem a tecedura” [...], na urdideira são urdidos os ramos da teia. A palavra urdir tem sua raiz etimológica no latim, urdire, que quer dizer começar o trabalho da tecedura. Urdir é sinônimo de tramar, do latim trama, que também se relaciona à preparação dos fios para a tecedura. Tramar é o ato de passar os fios em conjunto no formato transversal do tear. Mas, no sentido de metáfora, tramar também é fantasiar, realizar um procedimento ardiloso, fazer intriga, maquirar, fazer teia.

As mulheres tramam suas vidas, como também tramam os fios. Com o desenvolvimento da pesquisa eu passei a buscar as tramas das mulheres, assim como elas queriam saber quais eram as minhas. O real sentido de eu estar com Manoela, em sua visão, não poderia se fazer tão somente na pesquisa. Ambas queríamos conhecer as tramas uma da outra e como elas aconteciam. Quando uma fiandeira pergunta a outra: o que você está tramando aí (?), ela está dizendo da trama social que pode ser tanto o ato de planejar alguma ação, como o ato de se preparar as linhas, ou o ato de refletir sobre. Mas, além disso, está em jogo códigos que somente as que compartilham dos mesmos significados conseguem entender. A trama vem como forma de afirmar as ações das mulheres no que se refere a sua capacidade de lidar com as linhas de algodão, com as linhas de ferro, como também com as linhas da vida.

Novamente penso a respeito do “trem que ocê traz em suas costas” e do “trem grande” cantos e frases somente enunciadas em grande descontração, e em meio a confiáveis que partilham códigos. Por vezes, a satirização estava acompanhada violência em casa cometidas por seus pais. Destaco ainda que o movimento provocou alterações no cotidiano local fiandeiras, tecidos e linhas chegaram cidades para serem comercializados. De



“trem que ocê que são momento de pessoas diversas de relatos de maridos e do trem das mulheres até às repente, elas

não precisavam mais fiar e nem mesmo tecer. Parafraseando Manoela, e a vida, onde poderia ser vista? De maneira ardilosa elas transformaram aquilo que as afetavam. Os sentidos do fiar se modificaram, foram acionados para além do plantar, colher, limpar, cardar, fiar, urdir, e tecer o algodão, estando presentes nos bordados, nos crochês, nos cantos, nas reuniões despropositadas nas estações ferroviárias e na espera da minha chegada... Desta forma, posso dizer que a dupla linha, a de ferro e a de algodão, ganhou outros e outros contornos, novos sentidos e diferentes significações.

### Referencial teórico

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Organizado por José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

FREIRE, Ralyanara. **Tramas ao avesso**: memórias e identidades fiandeiras na região da estrada de ferro – Go. (Dissertação de mestrado em Ciências Sociais e Humanidades) – Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás, Anápolis – GO, 2015.

INGOLD, Tim. Anthropology is not Ethnography. In: **Being Alive**. Routledge: London and New York, 2011.

\_\_\_\_\_. Trazendo as coisas de volta à vida. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun., 2012.

KOFES, Suely. Narrativas biográficas: que tipo de antropologia isso pode ser? In: KOFES, Suely; MANICA, Daniela. **Vidas & Grafias**: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia. Rio de Janeiro: Lamparina & FAPERJ, 2015.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

